Editorial

WebMosaica Porto Alegre, volume 6, número 1, janeiro-junho 2014

FUNCIONANDO SEM INTERRUPÇÕES DESDE 2009, APÓS CINCO ANOS DE EXISTÊNCIA, a revista *WebMosaica* publica seu 11º número, que comemoramos com muita satisfação. Temos a sensação de, nas dez edições anteriormente publicadas dessa revista, ter divulgado a seus leitores excelentes trabalhos, que muito contribuíram para o avanço do conhecimento da cultura e da memória judaicas em múltiplas disciplinas: literatura, história, ciências sociais, arte e religião. Essa qualidade se repete neste novo número.

O novo ano da revista foi marcado pela renovação de seu Conselho Editorial. Após um convite para os conselheiros dos cinco anos anteriores a permanecerem no atual, o novo Conselho mantém os que responderam afirmativamente e incorpora novos membros. No total, são 25 conselheiros, dos quais dezoito colaboram com a revista desde o primeiro número e sete são novos. Esses consultores distribuem-se pelas seguintes áreas do conhecimento: doze da área de Letras e Literatura, seis da área de História, cinco da área de ciências sociais (Antropologia, Sociologia e Ciência Política), um da área de Comunicação e um da área de Pedagogia. Como a maioria dos originais submetidos para publicação é escrita em português, os conselheiros devem ter domínio dessa língua; por isso, 84% (21) deles residem no Brasil e apenas 16% (quatro) no exterior. Todos são pesquisadores (e, em sua maioria, também professores universitários) experientes e muito bem qualificados. A distribuição dos 21 conselheiros residentes no Brasil é relativamente desigual, sendo nove (42,8%) do Rio Grande do Sul, cinco (23,8%) de São Paulo, três (14,3%) do Rio de Janeiro, dois (9,5%) de Minas Gerais, um (4,8%) de Pernambuco e um (4,8%) do Paraná. A predominância de conselheiros do extremo sul do País se explica, em parte, pelo fato dos dois editores em exercício, Anita Brumer e Rafael Bán Jacobsen, atuarem também como avaliadores de trabalhos submetidos à revista, em suas respectivas áreas de conhecimento, e participarem da definição dos rumos da revista.

Agradecemos a todos os que colaboraram efetivamente para a manutenção da qualidade da revista desde seu início e saudamos os novos conselheiros, alguns dos quais já se envolveram efetivamente nas avaliações de artigos deste número da *WebMosaica*.

O décimo primeiro número da *WebMosaica* traz aos leitores sete artigos originais em português, cinco deles no Dossiê e dois na sessão de artigos de temática livre; dois textos na seção Memória; e quatro resenhas, número recorde nesta seção desde o início da revista, no primeiro semestre de 2009.

O Dossiê deste número da revista tem como tema *Migrações e diáspora na vida judaica*. Dentre um amplo espectro de aspectos que poderiam ter sido abordados nesse tema, os artigos publicados tratam de escritores imigrantes no Brasil (Clarice e Elisa Lispector, e Samuel Rawet), de artistas visuais refugiados do nazismo no Brasil, do exílio de judeus do Iraque e da antiga União Soviética em Israel.

No caso das escritoras Clarice e Elisa Lispector, Berta Waldman (*WebMosaica*, v.6 n.1, 2014) mostra como duas escritoras, irmãs, que chegaram ao Brasil ainda crianças, reagem de maneira distinta à imigração da família (devido ao antissemitismo da Rússia nas primeiras décadas do século XX) e ao exílio no Brasil. O ponto de partida de sua análise é o livro de Elisa Lispector *No Exílio*, que trata da trajetória da família Lispector da Europa ao Brasil, no qual a autora posiciona-se em relação ao judaísmo e à fundação do estado de Israel, enquanto sua irmã Clarice é mais reticente, manifestando-se de forma oblíqua quanto a isso. De acordo com Waldman, as duas irmãs começaram a escrever nos anos 1940 e “a competição desigual entre o talento natural de uma e o esforço multiforme de outra se revela de imediato. O estilo de Clarice nasce pronto. Seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem* (1944), é feito de fragmentos. A autora abandona a retórica convencional e segura para entrelaçar a emoção a uma intuição fulgurante. Em vez do enredo com começo, meio e fim, ela elege o inacabamento; em lugar da tradição, o dilaceramento e a busca”. Elisa Lispector, por sua vez, “publica seu primeiro livro, *Além da fronteira*, em 1945, marcando desde o início sua predileção pelo romance filosófico, que se desenvolve em torno da indagação do sentido da vida”.

Como informa Saul Kirschbaum, em seu artigo neste número da *WebMosaica*, “Samuel Urys Rawet nasceu em 1929 na Polônia, em um *shtetl* chamado Klimontow, próximo a Varsóvia. Devido às péssimas condições econômicas às quais os judeus poloneses vinham sendo submetidos, seu pai imigrou para o Brasil em 1932, em busca de reunir recursos para trazer o restante da família, o que só aconteceu em 1936, quando Samuel tinha sete anos”. A escrita de Samuel Rawet é analisada por Kirschbaum com base em dois de seus contos (“A prece” e “Grin-

guinho”, ambos publicados na primeira coletânea do autor, com o título *Contos do Imigrante*), nos quais seu “protagonista, um judeu, se vê na contingência de conviver com a população não-judia, em um clima de estranhamento e hostilidade”. Essa análise permite ao analista “refletir sobre como as minorias se veem representadas pela população hegemônica na literatura produzida pelas próprias minorias, ou seja, como a minoria olha para si mesma através do olhar do outro, num processo que afeta a própria formulação de sua identidade”.

O terceiro artigo do Dossiê, de autoria de Nancy Rozenchan (*WebMosaica*, v.6 n.1, 2014), aborda o exílio dos escritores que migraram do Iraque a Israel. Como lembra a autora, por mais de 2.500 anos judeus habitaram o Iraque, antiga Babilônia, onde desenvolveram uma importante cultura. Após a criação do Estado de Israel, os 120 mil judeus que viviam no antigo país foram expulsos, a maioria tendo migrado a Israel. Para alguns desses escritores, como Sami Michael, Shimon Ballas e Eli Amir, a mudança cultural entre os dois países foi considerada como a passagem a um novo exílio. De acordo com Rozenchan, “graças a obras de diversos autores, o assunto da presença e atuação dos judeus no Iraque no século XX e, em especial, o que se seguiu a isto após a imigração a Israel, é uma questão que, mesmo depois de mais de 60 anos desta imigração, cada vez desperta maior interesse de pesquisa e análise, incluindo as concepções recentes referentes a colonialismo, pós-sionismo e pós-modernismo, conforme desenvolvidos por historiadores, analistas políticos e sociólogos”.

Outra situação de exílio foi a migração de inúmeros intelectuais e artistas da Alemanha nazista para o Brasil, principalmente na década de 1930, em decorrência tanto do avanço do antissemitismo e das leis raciais dele decorrentes como da perseguição aos que fugiam aos padrões definidos pe-

la elite nazista. De acordo com Maria Luiza Tucci Carneiro (em *Brasil, um refúgio nos Trópicos*, 1996, p. 81), Lasar Segall (1891-1957), judeu imigrante da Rússia, “registrou em seu Navio dos Imigrantes (1939-1941) o drama dos refugiados do nazifascismo”. “Estes, a bordo de grandes transatlânticos ou de navios mercantes, se transformaram em *navegantes errantes* que, sem descanso e recusados por vários países, vagaram durante meses em busca de uma terra sem nome e de uma ilha como ancoradouro”. Alguns desses migrantes encontraram refúgio no Brasil, como mostram as autoras do quarto artigo do Dossiê, no qual destacam as obras de Erich Brill, Alice Brill, Gisela Eichbaum, Eva Lieblich e Walter Lewy. Como foi possível evidenciar, o acolhimento brasileiro resultou numa grande contribuição à arte visual nacional.

Por fim, as autoras do último artigo do Dossiê examinam as narrativas de imigrantes da antiga União Soviética para Israel nos anos 1990, destacando a importância que nelas tiveram os relatos de antissemitismo experienciados em seus respectivos países de origem. Fialkova e Yelenevskaya concluem que esses relatos revelam que a identidade judaica dos entrevistados em sua pesquisa “não foi mobilizada pela observância da tradição, conhecimento de hebraico ou ligação com a cultura judaica, mas como uma forma de oposição silenciosa ao antissemitismo estatal e popular”.

Na seção Artigos, Kathrin Holzermayr Rosenfield comenta, com aparente assombro, as reflexões de Robert Musil (autor do romance *Der Mann ohne Eigenschaften - O Homem sem Qualidades* - obra originalmente publicada em três volumes, entre 1930 e 1943) dois anos após seu encontro com Carl Schmitt (filósofo, jurista e teórico político cujo ideário teria embasado e legitimado a ditadura nazista através das Leis de Nuremberg). Como destaca a autora, “com a distância histórica,

pode parecer surpreendente que um autor que criticou o fascismo e o antissemitismo desde o início tenha desejado contato com um dos ideólogos do *Führer* e de sua política racial - ainda mais numa época em que Musil já estava casado com Martha Marcovaldi, judia berlinense”. Ela também lembra que, em seu romance, “Musil escreveu a respeito da plasticidade da natureza humana - o autor fala da ‘consistência gelatinosa’ da humanidade e das configurações do ‘caráter’. Para Musil, a identidade firme se dissolve num complicado jogo de elementos cujas relações mudam ao longo do tempo e do espaço, assumindo *Gestalten* - configurações mutantes”. Na segunda parte do texto, a autora apresenta a tradução do ensaio *Bedenken eines Langsamen (Ponderações e Reservas de um Homem Lento)*, escrito por Robert Musil em 1933.

O segundo artigo dessa seção trata da intolerância contra os judeus durante a Idade Média, com foco na guerra promovida por Enrique de Trastámara para tentar desalojar e substituir seu irmão Pedro I, do reino de Castela, na segunda metade do século XIV. Segundo Follador (*WebMosaica*, v.6 n.1), “as comunidades judaicas da Península Ibérica, de forma geral, viveram séculos de prosperidade tanto sob o regime dos califas muçulmanos quanto sob os governos dos reis cristãos após a Reconquista. A dinâmica das relações judaico-cristãs peninsulares, que concomitantemente toleravam e marginalizavam os judeus, e a proteção régia dispensada a eles propiciaram um retardamento, salvo exceções, na manifestação física do antijudaísmo nos reinos peninsulares. O antijudaísmo vivido durante as Cruzadas e no desenrolar dos séculos XI e XIII nos demais países europeus só foi sentido com maior intensidade no reino de Castela no século XIV”, quando “o antijudaísmo ganhou força e a intolerância levou a assassinatos, roubos e destruição de comunidades judaicas”.

Dois pequenos textos da mesma autora (Hannah), divulgados no blog *Boker Tov Yerushalayim* (Bom Dia Jerusalém) foram traduzidos do francês e reproduzidos na seção Memória. O texto *Hamin* [termo originado de Ham, calor] descreve e ilustra o alimento preparado pelas mulheres judias às sextas-feiras, antes do *Shabat*, para ser consumido durante o dia sagrado. Como diz a autora, “o *hamin* é o prato conservado quente desde a sexta-feira à tarde até ao meio-dia do *shabat*, já que nos é proibido cozinhar e até mesmo requeimar. Desde que receberam as leis da Torá, os judeus se esforçaram para conciliar o respeito e seu conforto sabático. Tentou-se de tudo para conservar os alimentos quentes de sexta-feira até o sábado”. “Na Diáspora, o prato recebeu nomes diferentes conforme cada país, mas as origens desses nomes vêm sempre da palavra calor. No norte da África, fala-se de *sreina*, de *سرخاس* (*se’henu*) quente, ou de *dafina*, de *دفنم* (*madfun*) enterrado, duas palavras de origem árabe. Na Europa central ou oriental, fala-se de *טשולנט* (*tcholent*), palavra ídiche que provém do francês antigo *chaud-lent* (quente-lento). A origem dessa palavra lembra bem a migração dos judeus fugindo das perseguições na França da Idade Média e partindo mais longe a leste, onde os aceitavam, pelo menos temporariamente”.

O segundo texto trata da limpeza que se faz nas casas antes de *Pessach*, para remover todos os resíduos de fermento. De acordo com Hannah, “as migalhas, é isso, as migalhas provenientes de cinco espécies de farinha (trigo, cevada, centeio, espelta e aveia) que fermentam em contato com a água se transformam então malvadamente em *hametz* (fermento), assimiladas à má inclinação que fermenta em nosso coração”. Esta prática baseia-se na Bíblia Judaica: “Durante sete dias, comereis pães ázimos: principalmente, no dia que precede, fareis desaparecer o fermento de vossas casas. Porque este seria

suprimido de Israel, que comeria pão levedado, desde o primeiro dia até o último”. “Durante sete dias tu comerás além disso os ázimos, pão de miséria, porque é com pressa que tu saístes do país do Egito, e é preciso que tu te lembres, todos os dias de tua vida, do dia que tu saístes do país do Egito”. O texto é acompanhado de imagens que ilustram o trabalho das *balbustes* (donas de casa).

Na última seção da revista, trazemos quatro resenhas, com autores e temas distintos.

Na primeira resenha, Luiz Henrique A. Soares apresenta aos leitores o livro *Hóspede por uma noite*, de Schmuél Iossef Agnon (nome adotivo de Schmuél Iossef Czaczkes). Agnon nasceu em Buczacz, Galícia (então sob o domínio do Império Austro Húngaro e hoje na Ucrânia), em 1888, e imigrou para a Palestina em 1908; faleceu em Israel, em 1970. O reconhecimento por sua obra lhe valeu o prêmio Bialik (em Israel, em 1934) e o Prêmio Nobel de Literatura, juntamente com Nelly Sachs, em 1966. O livro atual vem somar-se a outras obras suas já publicadas no Brasil: *Novelas de Jerusalém* (1967), *Contos de Amor* (1996) e *Uma História Simples* (2002), além do conto “Tehila” (em *Nova e Velha Pátria*, 1966), todos pela Editora Perspectiva. Segundo Soares, o livro *Hóspede por uma noite* consiste numa história, narrada como uma espécie de diário, na qual Agnon relata suas impressões da visita feita à sua cidade natal, chamada Szibuscz em seu livro, uma cidade tão ferida e empobrecida quanto seus moradores (e não apenas materialmente, como seu nome já denota, pois Szibuscz significa, em hebraico, quebrado, danificado, arruinado). “E o que está arruinado e perdido, definitivamente, não são apenas os edifícios, as marcas de seu passado próspero, mas principalmente seu futuro. As personagens de Agnon estão todas física ou espiritualmente feridas, quando não ambos, sem lastro e sem perspectiva, e se Szibuscz

não é uma cidade-fantasma, é uma cidade-espectro não apenas de um imediato passado individual, mas também daquele de toda uma coletividade e mesmo de uma era. Para onde quer que o protagonista dirija o olhar nostálgico, encontra apenas o vazio de sentido e a decrepitude”.

A segunda, de Luiz Sergio Krausz, resenha o livro de Sofia Débora Levy, com o título *Holocausto: vivência e retransmissão*. Para Krausz, neste livro, na abordagem do Holocausto, a autora adota uma perspectiva original. Em primeiro lugar, “porque se propõe a analisar não a grande história, os incontáveis registros que dão conta de como milhões de vítimas foram arrancadas de suas vidas cotidianas em todos os quadrantes da Europa e levadas para os campos de concentração e de extermínio, mas sim histórias individuais, por meio de entrevistas com sobreviventes que buscam compreender o que se passava na intimidade daqueles que, sob a opressão da maquinaria assassina dos alemães, se viram, de um momento para o outro, privados de todas as suas referências existenciais”. “Em segundo lugar, porque parte não dos pressupostos da historiografia, mas do relato humano e dos seus significados: como boa psicóloga que é, a autora empenha-se em *compreender* o que se passava na interioridade subjetiva de cada uma das vítimas, que assim têm restituídos, por meio de seus relatos, seus estatutos humanos, passando da situação de vítimas para a de pessoas”.

Na terceira resenha, com o sugestivo título *Portenhos para sempre*, Nancy Rozenchan faz a resenha do livro da israelense nascida na Argentina Gavriela Avigur-Rotem, *Kol sipur hu hatul pit'om* [“*Toda história é de repente um gato*”] (Ed. Kinéret, Zmora-Beitan, Tel Aviv, 2013), ainda sem tradução em português. Neste livro, quarto romance da autora, judeus argentinos e seus descendentes voltam à baila, desta vez em Israel, como seus prin-

cipais protagonistas. De acordo com Rozenchan (*WebMosaica*, v.6 n.1, 2014), “judeus provenientes da Argentina sempre foram parte do mosaico de imigrantes a Israel. Foram, em geral, estereotipados como o mais secular de todos os grupos de imigrantes, com orientação socialista e íntima afiliação com os movimentos kibutsianos”. No entanto, o perfil desses imigrantes mudou ao longo do tempo: enquanto “desde a criação do Estado de Israel o impulso para esta imigração foi primordialmente ideológico, nas levas mais recentes a motivação foi a sequência de períodos de instabilidade política, as sucessivas crises econômicas e sociais e ataques à comunidade que corroeram emotiva e socialmente a população judaica do país vizinho”.

A quarta e última resenha, de autoria de Peter E. Gordon (professor de história da Universidade de Harvard), e traduzida do inglês por Rafael Bán Jacobsen, comenta o livro de Carlos F. Fraenkel (professor da Universidade McGill, em Montreal, e na Universidade de Harvard – ver seu perfil em <http://carlosfraenkel.com/>), *Philosophical Religions from Plato to Spinoza: Reason, Religion, and Autonomy*, publicado em 2013 (Cambridge University Press). A resenha de Gordon possibilita uma aproximação dos leitores ao conteúdo do livro de Fraenkel, cuja tradução em português esperamos que ocorra em breve.

Com diversidade temática e criteriosa seleção de artigos, aliadas ao esmero no processo de editoração, a *WebMosaica* reafirma, com este número, sua missão de levar a todos os leitores o que há de mais relevante e original nas múltiplas vertentes que deságuam neste fértil campo que é a área de estudos judaicos, disciplina que se dedica, essencialmente, a perscrutar a cultura de um povo que, a cada milênio, a cada século, a cada ano, renova e aprofunda seu definitivo legado na história da sabedoria humana.

Anita Brumer e Rafael Bán Jacobsen